

ROCHA PEIXOTO

# **OBRAS**

VOLUME II

MUSEU MUNICIPAL DO PORTO. ENSINO.  
POLÍTICA. ENSAIOS DIVERSOS. ECONOMIA.

Edição da CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE VARZIM  
1972

## [A INDÚSTRIA CERÂMICA EM PORTUGAL] (\*)

Passam vinte anos sobre um certame que, no Palácio de Cristal, maravilhou, pelo imprevisto da multiplicidade formal e decorativa, todos os que inesperadamente defrontaram com os artefactos cerâmicos produzidos no país. A exibição dessa famosa variedade de artigos, tão afortunadamente alcançada por um insigne promotor de outras exposições similares, breve denunciara vários assertos já proclamados: a exuberância de matérias primas, no solo português, para o fabrico em todas as escalas ceramistas; o seu aproveitamento muito deficiente ainda, mas generalizado, em grau vário, por todo o território; as admiráveis faculdades espontâneas e naturais do oleiro português, compelido, entanto, a manter-se nas formas tradicionalmente legadas; a possibilidade consequente e implícita da conseguirmos, mercê dos dois recursos capitais — barro e modelador — progressos consideráveis e até ainda paralelismos com a produção em vários tipos que a indústria cerâmica alcança em terra alheia.

O relator erudito e entusiasta desta festa memorável do trabalho manual encontrara nos produtos exibidos um sentimento da forma em alto grau, aptidões tradicionais e pouco ou nada degradadas através dum fabrico milenário, variedade inimitável de formas, magnífica execução em face dos recursos simples de que a olaria rústica dispõe, e por fim um veículo — este da arte cerâmica — para a transformação do gosto público, graças à sua multiplicação, ao seu emprego doméstico imperscritível, à sua ligação permanente com a vida inteira da família.

---

(\*) Texto que, sem título, serviu de Introdução ao *Catálogo da Exposição de Cerâmica promovida pelo Instituto Portuense de Estudos e Conferências efectuada no Palácio de Cristal a 19 de Março de 1901* (Porto, 1901), pp. 3-10.

Note-se que os nove primeiros parágrafos desta Introdução reproduzem, com ligeiras alterações formais, o início do ensaio «A Indústria Cerâmica», publicado por Rocha Peixoto, em 1900, na revista portuense *A Indústria Portuguesa* [Vide pp. 518-520 deste vol. II das *OBRAS* de Rocha Peixoto].

Se é certo, porém, que a fidelidade aos antigos usos e costumes ressuscita dia a dia estes artigos frágeis, e assim o oleiro das aldeias se mantém inamovível depositário de legados remotos, não é menos verdade que, confinado em meios restritos, sequestrado do exame e convivência com os produtos mais avançados da indústria progressiva, expoliado por um comércio descarado e exaustivo, não só não evolue dentro do quadro que lhe demarca exclusivamente a possível aplicação popular mas até permanece em estádios tão primitivos, por vezes, que recordam a obra congénere das épocas neolíticas.

O preparo das pastas, a roda primitiva, a ornamentação digital, geométrica ou timidamente flórica, a cocção em covas, o alisado e o polido surgem-nos em muitas olarias rústicas com todos os caracteres dos esforços iniciais, precisamente como muitos despojos exumados das necrópoles e outras estações pré e proto-históricas; e a ponto tal que a crivagem e o doseamento mais ou menos grosseiros dos barros, o emprego do torno vertical, a cozedura em forno de grade, a ornamentação pintada e a vitrificação plumbífera, característicos de loiças grosseiras como as de Prado, acusam acentuados progressos sobre aqueles artefactos.

Portugal exhibiu então, como poucos países, uma notabilíssima série de olarias fabricadas por todos os processos mais arcaicos, incluindo até os de modelação à mão e à forma. Seria uma interessante exposição retrospectiva com elementos colhidos hoje, decerto muito elucidante para a arqueologia e a etnografia pura, mas todavia lastimável sob o ponto de vista económico não só quanto ao artífice rústico mas ainda aos interesses nacionais.

São belas as formas? Por vezes notavelmente eurítmicas, lindamente decoradas, multiplicadamente várias?

Certamente! Mas só o que se herdou, parado e primevo! De sorte que, por um lado, se o espírito inconsciente da tradição origina a posse ainda actual de tipos maravilhosos, por outro e graças a idênticas circunstâncias, mantém técnicas assaz grosseiras que estariam expungidas se outros fossem os desvelos pelas artes populares.

A cerâmica rústica, pelos materiais de que dispõe, pelos usos a que se destina e pelas populações que a reclamam, só pode melhorar adentro de limites que o seu valor intrínseco e a indispensável exiguidade do custo inexoravelmente apertam. Todavia ela pode alcançar progressos e tê-los-ia obtido se outra fora a formação educativa dos oleiros, sobretudo em alguns grandes centros manufactores. E por mais que se afigurem imaginosos todos os devaneios acerca do ensino

de desenho e modelação, de dosagens, de vernizes e de cocção, cumpre anotar que, sem a interferência educadora em algumas grandes regiões de fabrico, o facto assinalado da conservação milenária das lindas formas de outrora passará, em breve tempo, ao domínio da lembrança e do registo do crítico; aqui ainda a viação acelerada e todas as outras facilidades de comunicações conhecidas, concorrem, não menos aceleradamente, para a obliteração dos esquemas herdados, como nos revelam já muitas imitações frustes que acorrem aos mercados.

Antes o antigo sequestro do oleiro rural, que lhe impediu progressos, do que o desvairamento indisciplinado que o conduz a imitações deploráveis e porventura à bastardia das formas legadas.

A arte de preto em que se nos exhibe, a pequena escultura bárbara de Vila Verde e Barcelos, agora policromada de maneira mais inverosímil, faz pensar com simpatia nas olarias mais rústicas e mais ingénuas, as de Baião e de Bisalhães, por exemplo, cujo fabrico o consumidor, para corrigir a porosidade, ultima em sua casa! Sequer o inconsciente respeito pela tradição, na ignorância de adulterações aberrantes e ilógicas, sustenta puríssima a arquitectura longínqua: os grandes quartos pegados para o vinho, os potes e talhas de enormes dimensões para reservas de líquidos e de salgas, os bicados da adega, os fornos duma só peça, os ferrados de ordenhar, as braseiras, as bruxas, os alcatruzes, as pichorras, a ilimitada multiplicidade das bilhas! E mais do que os produtos pseudo-civilizados de agora, e principalmente do futuro se tal indisciplinada não for sustada e detida, têm outro sugestivo encanto muitas das numerosas formas esbeltas da loiça negra de Chaves, Bragança ou Molelos, da de Lordelo e Ílhavo com palhetas de mica profusamente distribuídas na pasta, da de Guimarães, com a mesma poalha micácea nos medalhões relevados que ornamentam os bojos, das de Nisa, com as suas ramagens de espato ou quartzo incrustadas, como outrora em Liceia, das brunidas de Vila Real, Alfarelos e Estremoz, das mates com ornamentações fitomórficas e cordiformes de Miranda do Corvo, das vidradas do Minho e do Algarve, das de Mirandela, que são verdadeiras sobrevivências latinas, de tantas outras enfim, de linha etrusca ou helénica, arabizadas umas, romanizadas tantas!

Passando das olarias rurais aos artefactos mais finos, desde a faiança esmaltada, ainda popular, até à porcelana, o solo português apresenta-nos uma vasta e extraordinária representação de matéria prima utilizável. Podemos fabricar, a bem dizer, em todos os géneros da arte figulina, pois o inquerito Lepierre às argilas portuguesas denuncia-nos algumas centenas de análises de barros e de pastas as mais várias,

muitas das quais com apropriação e emprego intercadentes quando não exploradas : os caulinos de Val Rico, de Belas e de Alencarce, as argilas brancas de Alvarães, de Casal dos Ovos, do Barracão, de Feiteiras, de Loulé e do Candal, as ortoses de Torres e de Mangualde, as apatites da Serra da Estrela e tantos outros barros capazes de originarem excelentes porcelanas e faianças finas!

O que não sucede, porém, é que ante a prodigalidade do solo corresponda uma acertada utilização dos seus benefícios. Temos fabricado, certamente, excelentes artigos. Como se está longe, todavia, a despeito de esplendores mais ou menos fugazes, da efemeridade dum ou doutro triunfo feliz e rútilo, como se está distante duma indústria ininterruptamente progressiva!

Uma das causas primaciais da subalternidade do nosso fabrico reside nomeadamente na ignorância das qualidades da matéria prima e na consequente escolha de acaso, sucedendo por tal que numa mesma circunscrição cerâmica, divergem sobremodo as pastas destinadas aos artefactos dum só padrão. Uma experiência nem sempre acertada dita o empirismo da composição das massas ; a cocção, efectuada em fornos de concepção deplorável sob o duplo ponto de vista da forma de tiragem e da igualização térmica em toda a fornada, empena e deforma, quando não inutiliza, uma considerável percentagem de peças: por fim o desastreado emprego de certos esmaltes, não raro sem a solidariedade requerida pela natureza das pastas que têm de revestir, promove a desagradável impressão que ocasionam as fendas consequentes duma imprópria escolha da substância vitrificante.

Por sobre esses factores e outros mais de ordem técnica que com eles enlaçam estreitamente, cumpre acentuar a desolante inferioridade estética do produto cerâmico português. Vem de longe e de cima—desde a servil e indouta imitação holandesa, china e indiana, na boa faiança, que durante dezenas de anos inundou o mercado português.

Más pastas, maus vidrados, maus fornos, má arte, tudo concorre com influência decisiva para o fabrico de loiça inferior se nos reportarmos apenas à faiança esmaltada ; mas, diminuídos em vários graus alguns destes factores nefastos, na cerâmica de outra cotação artística e mercantil, uma parte desses elementos interferem por igual exhibitórios da nossa pouquidade decorativa e fabril.

Felizmente o industrial vem reconhecendo lento e lento a significação do ensino profissional e a consequente possibilidade de melhoria retributiva ante o aperfeiçoamento do artigo. Para as análises e ensaios, para as experiências de laboratório, para o desenvolvimento do gosto

do decorador cerâmico, para a exclusão definitiva da imitação inglesa e china, ou da mecânica ornamentação por estampilha, para a arquitectura do vasilhame, o oleiro carece de buscar em instituições apropriadas os recursos educativos que só elas lhe podem ministrar.

À falta de perseverança e de educação industrial e artística há todavia que acrescentar a geral incultura pública, incomparavelmente maior do que a atribuída pelo optimismo de quase todos, a monstruosa iniquidade com que o comércio expolia produtores e consumidores, com lucros de 200 a 600 por cento, o retraimento dos capitais para a montagem ou desenvolvimento de empresas fabris. A história parcelar de cada instituição cerâmica portuguesa, a começar já nas que procedem do impulso famoso de Pombal, envolve episódios da mais desolada mágoa, cruzeiras de sacrifício, energias embotadas perante o desdém da acolheita pública. A insigne tentativa de Rafael Bordalo, tão radiante como desventurada, assim exprime e resume, numa intensidade aguda, o desprendimento público pela ruína das suas manufacturas mais elevadamente originaes, avançadas e progressivas.

«Após um trabalho fabril de quatro anos, diz o sr. Joaquim de Vasconcelos, o estabelecimento (fábrica das Caldas da Rainha) consegue os seguintes resultados:

«1.º — Ressuscita o nosso antigo azulejo artístico pela perfeição do fabrico, pela beleza dos padrões, pelo brilho e esmalte das cores, incluindo os formosíssimos efeitos do reflexo metálico. Não só imita perfeitamente os exemplares antigos, mas cria magníficos tipos novos, servindo-se de elementos decorativos nacionais inéditos. Pode afirmar-se sem receio de exageração que o fabrico moderno excede o antigo no azulejo policrómico de relevo.

«2.º — Cria um tipo novo de telha, que pelo efeito decorativo, condições de leveza, facilidade e economia de montagem e pelo seu módico preço deve dar óptimos resultados económicos, quando fabricada em larga escala.

«3.º — Eleva a faiança decorativa a um grau de perfeição técnica e artística verdadeiramente excepcional. Não só saíram inúmeras formas e combinações da imaginação fecundíssima do director artístico, mas muitas dessas formas e concepções adquiriram foros de extraordinária popularidade. Graças à cerâmica, a arte industrial começou novamente a emocionar as massas, a infiltrar uma gota de sentimento artístico na alma popular.

«4.º — Inicia o fabrico duma faiança resistente, a verdadeira loiça nacional da família portuguesa... As nossas tradições, usos e cos-

tumes, as nossas festas e lendas, os nossos tipos populares, a nossa fauna e a nossa flora ornamentais entraram enfim na mais popular e na mais antiga de todas as nossas artes industriais.

«5.º — Educa e cria um pessoal operário exclusivamente português, depois de cinco anos de esforços e de sacrifícios, provando mais uma vez que o pessoal estrangeiro quase nunca se sujeita a ensinar com dedicação e raríssimas vezes compensa os benefícios que as empresas nacionais lhe dispensam.

«6.º — Funda e alimenta no mesmo curto espaço de tempo todo o fabrico com barros e argilas exclusivamente nacionais». (\*)

Ainda a propósito da ruína iminente da fábrica das Caldas, noutra publicação, por igual rara como a precedente, dizia o sr. Ramalho Ortigão:

«Não sei o que sucederá em Portugal, mas parece-me do mais triste agouro para a reorganização do trabalho, nosso único refúgio, que a nova era se inicie pela queda trágicamente inepta e desastrosa da indústria portuguesa que mais profundas raízes tem na terra e nas tradições da nossa pátria; a que mais tenazmente tem resistido ao desdém dos governos; a que mais alto subiu sob a administração do Marquês de Pombal, espalhando por todas as regiões do país a influência da manufactura do Rato; a que finalmente, com um pessoal exclusivamente português, com matérias primas portuguesas, conseguiu no breve período de quatro anos criar um novo estilo decorativo genuinamente nacional, educar operários de primeira força, triunfar pela beleza dos seus produtos em concorrência com produtos estrangeiros numa exposição universal, e sobre tudo isso tocar pela arte o coração do país inteiro, dar ao povo uma comoção nova de admiração, de orgulho, de fé na força do seu engenho e da sua produtividade, acordando para o trabalho, numa alvorada de triunfo, faculdades criativas, de imaginação, de sentimento e de técnica, que desde muito tempo se tinham por mortas no cérebro duma raça aparentemente esterilizada para toda a concepção artística...

«E todavia é pela obscura comoção dos seus artistas, tão desdeenhada, tão ingratamente retribuída, que a continuidade afectiva da família e da pátria se mantém na alma dum povo, que as gerações que

---

(\*) Excerto do seguinte opúsculo: *A fábrica de faianças das Caldas da Rainha*, por Joaquim de Vasconcelos (Porto, 1891), pp. 11-12.

passam revivem na simpatia estremecida e saudosa das gerações que se lhe sucedem. É unicamente nas loiças do Rato e nas estatuetinhas de Machado de Castro que o século XVIII nos sorri; e esse jovial e mimoso encanto de arte transforma num aspecto novo, perante o nosso coração enternecido, a intolerância, a hipocrisia, a sordidez, em que na história literária, na história política e na história religiosa se envolve essa época, a mais lúgubre e a mais tenebrosa do nosso passado.

«Assim, quando no século XX hajam desaparecido todos os demais vestígios da nossa actividade nacional, a sobrevivência duma peça artística de loiça das Caldas da Rainha testemunhará que em nossos dias a terra portuguesa encontrou entre os seus naturais um Luca della Robbia, que, amassando-a em água, e modelando-a nos dedos, a fez falar ao mundo em nome da poesia tradicional e do talento hereditário, da raça lusitana». (\*)

Este precedente e este exemplo, o apostolado e as publicações várias de António Arroio, António Augusto Gonçalves, Charles Lepierre, Figueiredo da Guerra, João Barreira, Joaquim de Vasconcelos, Marques Gomes, Neves e Melo, Ramalho Ortigão e outros mais, não promoveram alentos correspondentes a semelhante esforço e brado.

Restam ainda as exposições, porventura, de mais amplo clamor. E se assim é, que esta inaugurada agora não marque só um registo mas traduza realmente um avanço.

Porto. Março, 1901.

---

(\*) Excerto do seguinte opúsculo: *A fábrica das Caldas da Rainha*, por Ramalho Ortigão (Porto, 1891), pp. 20 e 21-22.